

Bulgária?! Relato de experiência sobre o ensino de português

Bulgaria?! Experience report on teaching Portuguese

Vanessa Cardoso Cezário¹

RESUMO: Neste trabalho, tenho por objetivo contextualizar, apresentar e discutir a minha experiência com o ensino de Português na Bulgária. Por meio de metodologia qualitativa, apoiada em documentos e referências bibliográficas, discutirei, ainda, questões relacionadas à cooperação acadêmica para internacionalização entre países do Eixo Sul. Entendo que o principal resultado deste trabalho, além da reflexão a respeito de uma experiência individual, é colaborar com uma temática que, devido à novidade de sua configuração, dispõe de poucos dados e análises.

PALAVRAS-CHAVE: cooperação acadêmica; internacionalização; auto-colonização.

ABSTRACT: In this work, I have for objective contextualize, present and discuss my experience with teaching Portuguese in Bulgaria. Through a qualitative methodology, based on documents and bibliographical references, I will also discuss issues related to academic cooperation for internationalization between countries of the South Axis. I understand that the main result of this work, in addition to the reflection on an individual experience, is to collaborate with a theme that, due to the novelty of its configuration, has little data and analysis.

KEYWORDS: academic cooperation; internationalization; self-colonization.

INTRODUÇÃO

“A experiência é o que nos passa, o que nos acontece e o que nos toca”
(LARROSA, 2002, p. 21).

Neste trabalho, tenho por objetivo apresentar um relato de experiência sobre o ensino de português na Bulgária. Trata-se de minha participação num convênio cujas atividades iniciaram em 2010 e findaram em 2018, portanto, um projeto com quase uma década de trabalho, mas a respeito do qual, dispomos de poucos dados e análises.

O Convênio Bilateral de Parceria Acadêmica envolveu diretamente duas Instituições de Ensino Superior – IES²: a Faculdade de Educação na qual eu estudava e uma Faculdade de Filologia

¹Universidade de São Paulo, Membro e Pesquisadora Associada ao Laboratório de Estudos e Pesquisas Psicanalíticas e Educacionais sobre a Infância – LEPSI IP / FEUSP e ao Grupo de Estudos Formação de Professores e Psicanálise LEPSI – FEUSP. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4553-7456>, vanessa.cezario@alumni.usp.br.

da Bulgária. O trabalho se deu por meio do interesse de ambas as instituições em colaborar com o estudo sobre o Português; discutir a formação e a pesquisa desde a graduação, tendo como foco a leitura e a escrita nessa língua; permitir aos alunos búlgaros o contato com a língua e a cultura brasileira via falante nativo (DOSSIÊ, 2018, n. p.), assim como aos brasileiros a experiência de internacionalização.

Considerando a definição da Capes (2017), em que a internacionalização é “[...] um processo amplo e dinâmico envolvendo ensino, pesquisa e prestação de serviços para a comunidade [...]” (p. 6), além da “[...] troca de ideias, na integração da dimensão internacional [...]” (p. 7) (BRASIL, 2017), o projeto foi bem-sucedido, pois cumpriu todos esses quesitos e outros mais. Por meio de mobilidade passiva e ativa³ de estudantes, pesquisadores e professores, foram desenvolvidas ações como organização de eventos, cursos, oficinas e disciplinas.

Quando as atividades começaram, os professores e alunos das universidades búlgaras em que estive estudavam, sobretudo, o Português de Portugal. A predominância da variante europeia foi colocada em questão e, além disso, a própria cooperação acadêmica também era, em si mesma, uma novidade naquele contexto. Aliás, ainda hoje, este é um dos poucos convênios firmados entre IES fora do Eixo Norte, destino mais comum para a internacionalização dos brasileiros⁴.

Em termos metodológicos, este trabalho tem caráter qualitativo, pois visa à compreensão e interpretação do fenômeno no qual a minha experiência está inserida (GONSALVEZ, 2008). Para tanto, será apoiado nos seguintes materiais:

- dois documentos não publicados: o Dossiê de Atividades do Convênio de Parceria (2018) elaborado pelo professor coordenador do projeto do lado brasileiro e o meu relatório de atividades entregue à Pró-Reitoria de Internacionalização para Graduação de minha faculdade (2011);

- dois documentos da Capes sobre as práticas de internacionalização no Brasil (BRASIL, 2017; BRASIL, 2020);

² Embora o convênio envolvesse oficialmente duas IES, as atividades estenderam-se para mais uma universidade búlgara localizada na capital do país, Sófia.

³ De acordo com o documento da Capes (2017) a mobilidade passiva caracteriza-se pela ida de “[...] docentes e discentes para o exterior; e a ativa, onde o fluxo é inverso” (p. 6).

⁴ Eixos Norte e Sul dizem respeito à reconfiguração do cenário global após o fim da Guerra Fria em 1989. O debate está ligado, especialmente, ao âmbito da política internacional. Os termos referem-se à conjuntura socioeconômica que começava a se configurar após a dissolução da URSS (PECEQUILLO, 2008) e a independência de vários países do continente africano. Nesse contexto, foram criadas as iniciativas de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (CID) e a classificação dos países em 1º, 2º e 3º mundo ficou obsoleta. Goulart e Rangel (2014) salientam que o objetivo de tais ações era a “[...] promoção de mudanças estruturais nos sistemas produtivos dos países receptores voltadas para a superação de eventuais restrições e limites ao seu crescimento natural” (p. 547). Portanto, era necessária uma nova designação e, dessa forma, foi estabelecida a divisão global em Eixos Norte e Sul. Embora essa denominação não corresponda a uma divisão exata, conforme ordenamento cartográfico, reflete a realidade de países como os EUA, Japão e União Europeia, Eixo Norte Global, cujas nações refletem processos de domínio, colonização, acúmulo de riquezas e de poder. Corresponde também à realidade de nações do Eixo Sul Global, área em que está localizada a maior parte dos países emergentes ou em desenvolvimento como o México, os Tigres Asiáticos e os BRICS: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Países que, igualmente, refletem as consequências dos processos de colonização, imperialismo, dependência econômica e neocolonização.

- e referências bibliográficas sobre os temas em questão.

Entendo que, dessa maneira, será possível contextualizar, apresentar e discutir a minha experiência que, devido às questões burocráticas de visto, teve duração de um mês, mas também ressaltar a importância de trabalhos como este que apresento. Pois, como indicam Costa e Barzotto (2020), a internacionalização, como conhecemos hoje, ainda é um fenômeno relativamente recente e são “[...] escassas as fontes que descrevem não apenas em termos numéricos, como também em índices qualitativos os impactos das ações [...]” (p. 123).

É importante indicar que, em outro trabalho, tomarei o convênio Brasil – Bulgária, assim como as questões ligadas à distinção entre o Português do Brasil e o Português de Portugal como objeto de análise. Já neste texto, não teremos exatamente uma descrição, mas um relato com enunciação, até por isso, optei pela primeira pessoa do singular na escrita; e uma nova interlocução a partir de questões que me foram apresentadas anteriormente. Pois, levando em conta a baixa ocorrência e visibilidade de iniciativas de internacionalização como esta, elas permanecem vigentes.

No mais, o presente trabalho está organizado da seguinte maneira: no primeiro tópico, “Bulgária?!” , ressaltarei o caráter inovador do convênio e contextualizarei a minha participação; no segundo tópico, “Eles estudam português lá?!” , apresentarei e discutirei as questões envolvidas na minha participação; e, no terceiro e último tópico, “Uma colonização oficiosa” , discutirei questões referentes à internacionalização, mas ainda pouco abordadas.

BUL-GÁRIA?!

A maneira como nomeei este tópico não foi em vão. Ela ilustra a forma como as pessoas se referiam à Bulgária, em tom de estranhamento e interrogação, quando eu mencionava a intenção de ir ao país ou o período passado no leste europeu. A forma de se referir ao país, mudando a expressão do rosto e silabando, Búl-gária?!, era comum dentro ou fora do ambiente universitário.

Fora da Universidade: “Mas, Bul-gária?! Por que, lá?!” , “Não sei nem onde fica!”, “Não tinha outro lugar pra ir, não?!” , “Eles falam por-tuguês lá?!” , “Nossa, mas será que...”, “Por que você não vai para...”. Já na universidade: “Bul-gária?!”, “Legal, mas estudar o que, lá?!” , “Eles têm tradição de pesquisa?!” , “Em que isso vai servir pra você, para o seu currículo?!” , “Não seria o caso de ir para...”, “Português, lá?!”. Em ambos os casos, após mencionar os objetivos do convênio, as pessoas até compreendiam os propósitos da cooperação, mas não conferiam muita relevância.

Na época, não me questioneei sobre o motivo de tal estranhamento, pois eu mesma nunca havia pensado em ir à Bulgária para atividades acadêmicas. No entanto, embora houvesse uma distância geográfica e cultural a ser considerada, não era somente disso que se tratava. Hoje,

percebo que os meus interlocutores veiculavam em sua fala a noção de não legitimidade da Bulgária, assim como de outros países do Eixo Sul, como destino acadêmico.

Mais ainda, é possível verificar que essa hipótese está alinhada ao estudo realizado pela Capes (BRASIL, 2017) sobre a internacionalização em nosso país. Conforme o texto, as nossas IES⁵ declararam, em ordem de prioridade, os seguintes países como melhores parceiros para internacionalização: no agrupamento 1, EUA, Alemanha, França, Canadá e Portugal; no agrupamento 2, novamente EUA, França, Reino Unido, Alemanha e Canadá.

Ou seja, as nossas IES apresentam, majoritariamente, a preferência pela internacionalização com países do eixo Norte. O que já estava presente nos comentários de meus interlocutores, universitários ou não, desde 2011. Em minha interpretação, eles reproduziam, mesmo que sem conhecimento, a

[...] crença de que a internacionalização desejável é aquela realizada na Europa ocidental e América do Norte, que supostamente teriam algo a ensinar aos brasileiros em função da excelência de boa parte de suas universidades” (COSTA; BARZOTTO, 2022, p. 127).

Certamente que, para transformar esse cenário, são necessárias ações inovadoras. E, em 2010, a iniciativa que deu origem ao convênio que do qual participei, partiu de dois professores que estavam na Europa por conta de seus estágios de pós-doutoramento. Eles se interessaram pelo estudo do Português nas universidades do continente e, a partir do contato com algumas delas, o acordo de cooperação acadêmica Brasil-Bulgária foi estabelecido. Nesse mesmo ano houve duas participações, uma colega de graduação foi à Bulgária para atividades semelhantes às que desenvolvi e uma professora búlgara veio ao Brasil para participar de eventos.

Em abril de 2011 foi a minha vez! Eu trabalhei com o ensino de Português na Bulgária por um mês: três semanas em uma cidade do interior e uma semana em contexto letivo na capital, Sófia. Como se pode ponderar, sair da rota mais comum de internacionalização, implica o enfrentamento de questões inesperadas. E esse foi o caso com o nosso Português brasileiro.

ELES ESTUDAM PORTUGUÊS LÁ?

A minha colaboração estava organizada da seguinte maneira para as atividades na Bulgária:

⁵ Subdivididas em dois agrupamentos: “O agrupamento 1 é composto, de maneira geral, por instituições menores, com número reduzido de cursos de pós-graduação e baixa utilização das cotas disponíveis do PDSE. O agrupamento 2 é composto por um menor número de instituições, porém com maior número de cursos de pós-graduação por instituição e com 100% de aproveitamento das bolsas de PDSE disponibilizadas pela Capes” (CAPES, 2017, p. 12).

1- colaboração pedagógica, didática e letiva no ensino de português como segunda língua estrangeira, durante três semanas letivas em uma Universidade do interior, localizada a 220 Km de Sófia;

2- apresentação do trabalho “Família contemporânea e escolarização inicial em uma escola brasileira” sob a forma de palestra a ser apresentada na Universidade de Sófia, contexto de atividade organizada pelo Instituto Camões em colaboração com a Associação de Luso-Falantes na Bulgária;

3- ministração da oficina “Jogos e cantigas populares no ensino brasileiro” em três sessões de duas horas realizadas na *Sala Vitória* da Biblioteca Municipal de Sófia, em contexto letivo, na presença de estudantes de licenciatura em Filologia Portuguesa da Universidade de Sófia, bem como de outros luso-falantes do meio cultural da cidade;

4- produção de material didático de apoio à docência, preparado anteriormente para as aulas e palestras.

Iniciamos as atividades pela Universidade do interior. A turma para a qual ministrei o curso era composta por, em torno de 20 alunos, todos do curso de Filologia, com idades entre 18 e 25 anos e em sua primeira graduação. Embora houvesse também um rapaz matriculado no curso, ele não compareceu às aulas, então ficaram somente as alunas.

Já na sala de aula, após as apresentações, sondei a opção das alunas pelo Português. Todas compartilhavam o interesse pelo trabalho com traduções. Ademais, algumas consideravam o Português uma língua bonita e interessante; havia também aquelas que estudavam espanhol e, devido à proximidade, consideravam proveitoso estudá-las juntas; mas, somado a disso, o Português também era a opção mais acessível no ranqueamento de notas. Outro ponto em que todas concordavam era o de que a nossa língua era difícil de aprender, pois não havia falantes para praticar na cidade.

Durante esse primeiro contato, foi possível compreender a necessidade que os professores parceiros no projeto haviam apontado anteriormente. As alunas até sabiam ler, escrever e falar, mesmo que em graus diferentes, mas era preciso consolidar e diversificar o vocabulário, além de trabalhar para que alcançassem maior fluência na conversação.

Os nossos primeiros encontros corriam bem. O plano de aulas estava sendo cumprido e duas alunas estavam até preparando confraternizações. No entanto, percebi que a turma começou a diminuir. Ao expressar a minha preocupação, uma aluna relatou que a sua professora havia dito que não era necessário ir às aulas. A docente havia argumentado que, por ser diferente, o Português brasileiro poderia confundi-las e prejudicá-las nos exames e notas, por isso, as suas colegas não estavam mais participando das atividades.

Como eu não tinha acesso à professora, pude apenas continuar o curso. Ainda assim, considero que os nossos objetivos foram atingidos: houve intercâmbio cultural, avanço nas habilidades comunicativas das duas alunas que permaneceram no curso, e demonstração do que envolvia o estudo de Português naquele contexto.

Em Sófia, capital da Bulgária, a questão com o Português brasileiro veio à tona novamente. Conforme planejado, tanto a palestra quanto a oficina foram realizadas em contexto letivo. O público era composto de estudantes em Filologia Portuguesa e de outras pessoas que compreendiam e se interessavam pela língua.

Porém, na abertura da oficina, uma renomada tradutora de Português e Búlgaro tomou a palavra. Ela interrompeu o professor que fazia as apresentações, mencionou toda a autoridade que os seus títulos poderiam lhe conferir e fez questão de informar aos participantes, em tom de alerta, que os brasileiros não respeitavam algumas regras gramaticais e que não falavam Português como em Portugal.

A sua hostilidade causou certa tensão, mas dei início à atividade mesmo assim. Ao observar os ouvintes, não percebi expressões de incompreensão. Entretanto, essa senhora me interrompeu por diversas vezes para fazer a tradução de minha fala para o búlgaro. O que, em minha interpretação, era a sua maneira de se opor ao convênio e de invalidar o Português brasileiro. Não contente, ela ainda manifestou a sua visão estereotipada a respeito dos brasileiros com menções ao samba e à aparência das mulheres, bonitas e “exóticas”.

Aturdida com tudo isso, só conseguia me questionar a respeito do motivo que levaria uma pessoa que precisou estudar Português a contestar, com tanto ímpeto, um falante nativo. Ora, a única pessoa de nacionalidade portuguesa que havia ali, estava trabalhando arduamente conosco no projeto. Então, por que tamanho preciosismo com uma língua que, nem mesmo, o representante mais autêntico, do ponto de vista dela, apresentava?

A minha impressão era de que tanto na Universidade do interior quanto nas atividades em Sófia, tais professoras pareciam mais colonizadas do que nós, brasileiros, que, um dia, fomos colônia de Portugal!

UMA COLONIZAÇÃO OFICIOSA

Isso que, à época, parecia apenas uma impressão, mostrou-se parte de um debate consolidado, inclusive, por intelectuais búlgaros. É o caso da historiadora Maria Todorova e do antropólogo Alexander Kiossev⁶ ao discutirem a idéia de colonização da Bulgária.

⁶ Esse, até o momento, foi possível o acesso somente por meio do trabalho de Nazareth (2021).

Todorova (2009) indica que, em vários momentos históricos, a região dos Bálcãs foi relacionada a uma “[...] miscigenação irremediável, de mistura de pequenos Estados com populações mais ou menos atrasadas e débeis, e gananciosas econômica e financeiramente [...]” (p. 34, tradução própria). Houve inúmeros estrangeiros que, por intermédio de seus trabalhos, formaram um *imaginário ocidental* sobre os países balcânicos que se desdobrou em estereótipos negativos. Esses, por sua vez, foram “[...] disseminados discursivamente, não apenas da parte de fora, mas também pelo modo como os locais os incorporaram na visão de si mesmos e dos seus vizinhos” (NAZARETH, 2021, p. 293).

Nazareth⁷ (2021) oferece alguns exemplos desses trabalhos. Dentre eles há dois de mais fácil acesso na forma de livros ou de filmes. O primeiro, um caso de assimilação dos estereótipos, está na obra de Aleko Konstantinov. O escritor búlgaro criou o personagem Bay Ganyo, um aldeão do interior da Bulgária, que se descobre inferior aos demais europeus numa viagem à Viena. No entanto, ao invés de se autodepreciar, o homem exagera as suas características rústicas, sendo esse trabalho, na perspectiva de Nazareth (2021), um admirável exemplo do “[...] processo de auto-ironia” (p. 287).

O segundo exemplo, agora sobre os Bálcãs como região, está presente no imaginário europeu ocidental. Nazareth (2021) cita um dos episódios das Aventuras de Tintim presente no livro de Georges Prosper Remi, ou simplesmente Hergé, conhecido ilustrador belga. Na trama, o personagem fictício, um jovem jornalista, tem a missão de auxiliar o rei da Sildávia, um país imaginário da região dos Bálcãs, a recuperar o Cetro de Ottokar. Caso falhe, o rei será obrigado a renunciar ao trono em favor dos reinos vizinhos. Um deles, a Bordúria, na interpretação de Nazareth (2021), é retratado como um lugar “[...] sinistro onde impera um regime ‘proto-fascista’ marcado pela existência de uma ‘guarda de ferro’ [...]” (p. 286). A vitória, como não poderia deixar de ser, é de Tintim, no entanto, à custa de um maniqueísmo “[...] presente em quase todo o imaginário europeu - do século XVIII em diante - sobre os Bálcãs [...]” (NAZARETH, 2021, p. 286).

A partir de tais referências (KIOSSEV, 1999 *apud* NAZARETH, 2021; NAZARETH, 2021; TODOROVA, 2009), foi possível compreender que mesmo sem uma colonização, de fato, nos moldes que conhecemos, existe, ainda assim, essa outra que é auto-imposta. Caso em que é manifesta mediante a importação e interiorização de padrões e modelos da Europa considerada Central, em minha experiência, representada por Portugal.

⁷ Professor doutor com ampla experiência no ensino de Língua Portuguesa na Bulgária e em outros países.

Nesse processo, tais “[...] culturas apreciam o que é estrangeiro, mesmo sabendo que isso as constitui como marginais e subdesenvolvidas” (NAZARETH, 2021, p. 287). Dito de outro modo, é como se, oficialmente, todos fossem europeus, mas, na prática, ou, oficiosamente, nem tanto.

Com a internacionalização não é diferente. Oficialmente afirma-se a intenção de estabelecer convênios com o Eixo Sul, mas, oficiosamente, continuamos fascinados pelo Eixo dos colonizadores. Oficialmente, declaramos o objetivo de construir um “[...] ambiente internacional no dia a dia da Universidade [...]” (CAPES, 2017, p. 7) com a incorporação de “[...] padrões internacionais de excelência em educação, pesquisa e extensão [...]” (BRASIL, 2020, p. 7)⁸, mas, oficiosamente, nem sempre há disponibilidade para lidar com a alteridade do outro e com tudo o que a sua vinda ao nosso país implica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A princípio, pensei que este trabalho seria apenas um exercício de memória. No entanto, ao mobilizar referências e considerar as questões que o envolviam, percebi a sua importância. Projetos como este, entre países do Eixo Sul, enfrentam várias dificuldades. Além do descrédito, das poucas informações e dos entraves burocráticos, a cooperação, muitas vezes, fica apenas no âmbito da intenção.

No documento da Capes (2017), por exemplo, esse tipo de acordo é um dado contraditório, pois, embora as IES indiquem “[...] o eixo Sul/Sul como critério de escolha de parceiros [...]” (p. 22), as ações não se tornam em dados relevantes. A Rússia, por exemplo, é o único país do leste europeu e do Eixo Sul citado como destino de internacionalização, mas, ao lado da Coreia do Sul, como destino menos expressivo (BRASIL, 2017).

Como indica o Manual da Capes (BRASIL, 2020), é preciso reunir dados para aferir e orientar, especialmente esses processos de internacionalização menos visados. Há ainda a necessidade de sistematizações que possam contribuir com o conhecimento e integração de atividades dispersas. O que mostra, mais uma vez, a importância deste, assim como de outros trabalhos e eventos sobre a internacionalização entre os países do Eixo Sul.

Em relação ao convênio que participei, posso afirmar que, mesmo com as questões iniciais, o trabalho teve vida longa. Em torno de cinquenta brasileiros desenvolveram atividades de docência em ambas as IES búlgaras mencionadas e alguns estudantes e professores búlgaros também vieram ao Brasil para atividades de estudo. E, embora o foco deste trabalho tenha sido o meu relato, existe

⁸ Obviamente que essas afirmações foram extraídas de nossos documentos oficiais, mas eles estão alinhados a um discurso internacionalizado que várias outras universidades partilham.

a possibilidade de convidar os colegas que também atuaram no convênio para discutir como as questões iniciais foram tratadas.

No mais, posso afirmar que se “[...] experiência é, em primeiro, lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova” (LARROSA, 2002, p. 25), posso afirmar que provei da estrangeiridade. A minha experiência foi realista e formativa para muito além do previsto e, espero que, para ambos os lados do convênio, todo o trabalho desenvolvido tenha funcionado como ensejo para a discussão sobre as nossas concepções de língua.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. 2017. **A Internacionalização na Universidade Brasileira**: resultados do questionário aplicado pela CAPES. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/diversos/A-internacionalizacao-nas-IES-brasileiras.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. 2020. **Guia para Aceleração da Internacionalização Institucional**: Pós-Graduação *Stricto Sensu*. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/23122020_Guia_para_Acelerao_da_Internacionalizao_Institucional.pdf. Acesso em: 20 fev. 2023.

COSTA, L. S.; BARZOTTO, V. H. A internacionalização acadêmica entre Angola e Brasil. In **Quando a pesquisa conta**. Org. V. H. Barzotto Et All. São Paulo, FEUSP, 2022. p. 122 – 134. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/941/853/3097>. Acesso em: 30.01.2023.

DOSSIÊ sobre as atividades realizadas no Convênio de Parceria Brasil - Bulgária. São Paulo, 2018 (não publicado).

GONSALVES, E. P. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas: Editora Alínea, 2008.

GOULART, M; RANGEL, P. Nosso norte é o Sul: A cooperação internacional para o desenvolvimento no âmbito da lusofonia. *Revista Estudos Políticos*: a publicação eletrônica semestral do Laboratório de Estudos Hum(e)anos (UFF) e do Núcleo de Estudos em Teoria Política (UFRJ). Rio de Janeiro, Vol. 5 | N. 2, pp. 541 – 561, dezembro 2014. Disponível em: <http://revistaestudospoliticos.com/>.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação** [online]. 2002, n. 19 [Acesso em: 5 Janeiro 2019], pp. 20-28. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Epub 19 Abr 2011. ISSN 1809-449X. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>.

NAZARETH, F. M. C. M. DA “AFROPA” À “EURÁSIA”:: “Territórios-Ponte” num Olhar Português Sobre os Balcãs. *Communitas*, [S. l.], v. 5, n. 10, p. 281–296, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/5012>. Acesso em: 30 mar. 2023.

PECEQUILO C. S. A política externa do Brasil no século XXI: os eixos combinados de cooperação horizontal e vertical. **Rev bras polít int** [Internet]. 2008Jul;51(Rev. bras. polít. int., 2008 51(2)):136–56. Disponível em:: <https://doi.org/10.1590/S0034-73292008000200009>.

RELATÓRIO de Atividades Bulgária. São Paulo, 2011 (não publicado).

TODOROVA, M. *Imagining the Balkans*. New York: Oxford University Press, 2009.

ZIZEK, S. **Tolerância religiosa "politicamente correta" oferece certezas que não demandam comprometimento, 2004**. Folha de São Paulo, São Paulo, 14 de março de 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1403200408.htm>. Acesso em: 24 fev. 2023.